

COMUNIDADE EM MOVIMENTO

BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

Director: Pe. Fr. Agostinho Marques de Castro, O. Carm. Ano XVII - III Série N.º 171 - Junho 2016

EDITORIAL

Caríssimos Leitores. Os meses de Verão são, em geral, meses associados às férias. Tendes na vossa mão o último *Comunidade em Movimento* deste ano pastoral. Neste número, com menos páginas, colocamos um texto de S. João Paulo II sobre a espiritualidade em tempo de férias. Deixemos que ele nos inspire!

Procuremos que este tempo não seja um intervalo na Vida da Fé, mas que seja um tempo para renovarmos o nosso compromisso de sermos cristãos mais santos! Acima de tudo, dêmos tempo à Oração, à Família e à Caridade. Propomos duas Obras de Misericórdia para vivermos mais intensamente neste tempo!

Desafiamos os pais de crianças e adolescentes da catequese a que continuem a participar na Eucaristia em tempo de férias. A catequese, mais do que uma aprendizagem de conteúdos, é uma experiência de Fé que precisa de ser incrementada e alimentada!

FÉRIAS: TEMPO PARA A ESPIRITUALIDADE!

"Neste período de férias é precisamente às famílias que o meu pensamento se dirige em primeiro lugar. Quantas vezes elas sofrem devido ao cerrado ritmo de trabalho, de forma especial nas grandes cidades! Quantas vezes é difícil encontrar o clima sereno e a atmosfera tranquila para viver a intimidade, dialogar e fazer emergir as exigências e os projetos de cada um! Então, eis que as férias são propícias antes de mais para colmar estas lacunas, por assim dizer, de «humanidade», de paz e de convivência.

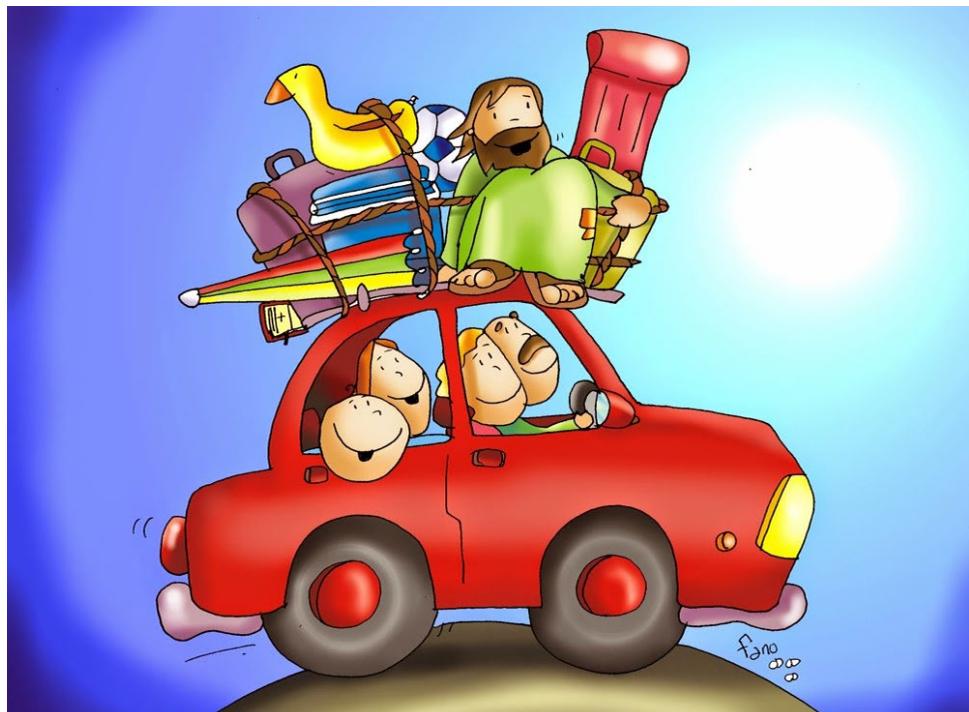
Daqui a exigência de as férias serem efetivamente um período de renovação humana em que, longe do habitual ambiente de vida, é possível encontrar-se a si mesmo e os outros, numa dimensão mais equilibrada e serena.

Nesta perspetiva, é sem dúvida interessante observar que são cada

vez mais numerosos os indivíduos e as famílias que aproveitam as férias para transcorrer alguns dias nos chamados «lugares do espírito»: mosteiros, santuários, ermos e casas de retiro. Quase sempre, estas localidades unem a beleza do ambiente natural à oportunidade de haurir riquezas espirituais do encontro com Deus na reflexão e no silêncio, na oração e na contemplação.

Trata-se de uma tendência saudável, a qual seria bom que não se limitasse ao período das férias, mas encontrasse formas adequadas para acompanhar a atividade quotidiana também em outros momentos do ano. Com efeito, o verdadeiro desafio consiste em salvaguardar a harmonia interior, de tal forma que o ritmo da existência diária possua sempre aquele respiro sobrenatural de que todos nós necessitamos".

S. João Paulo II



JUBILEU DA MISERICÓRDIA: CONHECIMENTO E PRÁTICA DAS OBRAS DE MISERICÓRDIA

OBRAS DE MISERICÓRDIA PROPOSTAS PARA SE VIVEREM MAIS INTENSAMENTE NESTE MÊS E DURANTE AS FÉRIAS

DAR DE COMER A QUEM TEM FOME

«O pão nosso de cada dia nos dai hoje» (Mt 6,11), diz a oração do Pai Nosso. O alimento básico na Palestina era o pão, de tal modo que o acto normal de um povo se alimentar era indicado com a expressão «comer o pão» (Gn 37,25). A fome é uma das características da experiência do deserto do Povo de Deus bem expressa, por exemplo, desta forma: «Lembra-te de todo o caminho que o Senhor, teu Deus, te fez percorrer durante quarenta anos pelo deserto, para te afligir, te pôr à prova e conhecer o teu coração. Ele te afligiu, fazendo-te passar fome, e depois te alimentou com o maná» (Dt 8,16).

A fome é característica dos pobres, dos quais Jesus proclama bem-aventurados, qualificados por tal «fome» já que anseiam por «justiça» (Mt 5,6). Além disso, ressoa aqui a resposta de Jesus à primeira tentação, aludida em Dt 8,3, de que «nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus» (Mt 4,4; Lc 4,4).

Por seu lado, a Carta de Tiago, respondendo à problemática da Igreja primitiva, revela um texto muito esclarecedor quando afirma: «Meus irmãos, se alguém diz que tem fé, mas não tem obras, que adianta isso? Será que a fé o poderá salvar? Por exemplo: um irmão ou irmã não tem que vestir e falta-lhe o pão de cada dia. Então, se algum de vós lhe disser: "Ide em paz, aquecei-vos e comei bastante" e, no entanto, não lhe der o necessário para o corpo, que adianta isso? Assim também é a fé: sem as obras, está completamente morta» (Tg 2,14-17).

Um texto da Encíclica *caritas in veritate* (2009) de Bento XVI, pode servir de síntese, já que faz da obra de misericórdia «dar de comer a quem tem fome» uma responsabilidade eclesial derivada da acção de Jesus de Nazaré, citando Mt 25: «Em muitos países pobres continua – com risco de aumentar – uma insegurança extrema de vida, que deriva da carência de alimentação: a fome ceifa ainda inúmeras vítimas entre os muitos Lázarus, a quem não é permitido – como esperara Paulo VI – sentar-se à mesa do rico avarento. Dar de comer aos famintos é um imperativo ético para toda a Igreja, que é resposta aos ensinamentos de solidariedade e partilha do seu fundador, o Senhor Jesus» (nº27).

ENSINAR OS IGNORANTES

«Entendes o que estás a ler?» (Act 8,30), perguntou Filipe ao eunuco que estava a ler o profeta Isaías. E este respondeu-lhe: «Como posso entender se ninguém me explica?» (Act 8,31). Nesta linha, surge aqui uma tarefa fundamentalmente importante como é a

de ensinar «dando razões da esperança que existe em vós» (1Pd 3,15). São João Paulo II, na Encíclica *Fides et ratio* (1998), destacou a importância desta decisiva tarefa para o mundo de hoje, afirmando: «É ilusório pensar que, tendo pela frente uma razão débil, a fé goze de maior incidência; pelo contrário, cai no grave perigo de ser reduzida a um mito ou superstição» (nº48). Por isso, concluiu afirmando que «o mais urgente hoje elevar os homens à descoberta da sua capacidade de conhecer a verdade e do seu anseio pelo sentido último e definitivo da existência» (nº102).

Por seu lado, o Papa Francisco, na sua primeira exortação apostólica, *Evangelii gaudium* (2013), quis precisar o que se deve ensinar a quem não conhece a fé cristã centrando-se no seu «núcleo fundamental» com estes importantes esclarecimentos: «Todas as verdades reveladas procedem da mesma fonte divina e são acreditadas com a mesma fé, mas algumas delas são mais importantes por exprimirem mais directamente o coração do Evangelho. Neste núcleo fundamental, o que sobressai é a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo, morto e ressuscitado. Isto é válido tanto para os dogmas da fé como para o conjunto dos ensinamentos da Igreja, incluindo a doutrina moral» (nº 36). «O Evangelho convida principalmente a responder a Deus amante, que nos salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para buscar o bem de todos. Este convite em nenhuma circunstância se deve ensombrar!» (nº 39).

Dizer que talvez o mais urgente seja aconselhar provocando interrogações, particularmente quando está em jogo o sentido da vida e o futuro, com «as perguntas de fundo que caracterizam o que aconteceu existência humana: "Quem sou eu? De onde venho e para onde vou? Porque existe o mal? O que é que existirá depois desta vida?"» (João Paulo II, *Fides et ratio* nº 1).

